

CLARA FRANCISCO LINO

# ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA VERSÃO PORTUGUESA DO WALSH FAMILY RESILIENCE QUESTIONNAIRE (WFRQ-PT)



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Dissertação de Mestrado em Psicologia  
Clínica**

Área de Especialização em Terapias Familiares e  
Sistémicas

COIMBRA, 2023





**Adaptação e validação da versão portuguesa do *Walsh Family Resilience Questionnaire* (WFRQ-PT)**

**CLARA FRANCISCO LINO**

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica  
Ramo de Especialização Terapias Familiares e Sistémicas

**Orientadora:** Professora Doutora Gabriela Fonseca, Professora Auxiliar, ISMT

**Coimbra, outubro de 2023**



## **Agradecimentos**

Quero começar por expressar o meu profundo agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Gabriela Fonseca, pelo seu apoio e dedicação ao longo desta jornada. A sua experiência, paciência e empenho foram fundamentais para a conclusão bem-sucedida desta dissertação. As críticas construtivas, as sugestões valiosas e o encorajamento contínuo ampliaram o meu horizonte e melhoraram significativamente a qualidade deste trabalho.

Gostaria também, de estender os meus agradecimentos à Professora Doutora Joana Sequeira e ao Professor Doutor Henrique Vicente que desempenharam um papel fundamental na definição da direção desta pesquisa e sem os quais não teria sido possível desenvolver este trabalho.

Por último, mas não menos importante, quero reconhecer o apoio incansável da minha família e amigos, que têm sido uma fonte constante de encorajamento e motivação ao longo da minha vida. Finalmente um agradecimento especial ao meu amigo Henrique que nunca me deixou duvidar da capacidade para concretizar este objetivo.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de todos.

*Obrigada a todos!*



## Resumo

Perante os múltiplos desafios a que a nossa sociedade contemporânea tem sido exposta, o estudo dos fatores associados a um funcionamento familiar positivo e promotor de resiliência familiar ganha extrema pertinência. O *Walsh Family Resilience Questionnaire* (WFRQ), uma medida de autorrelato de 32 itens que se propõe a avaliar a resiliência familiar, tem sido amplamente usado ao longo dos anos para o estudo deste construto em diversos contextos de adversidade. O presente estudo teve como objetivo desenvolver a versão portuguesa do WFRQ (WFRQ-PT) e examinar a sua estrutura fatorial e qualidades psicométricas. Participaram nesta investigação 1535 sujeitos (72,2% do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 18 e os 83 anos ( $M = 34,77$ ;  $DP = 14,07$ ). Foi testada a estrutura trifatorial da escala através de uma análise fatorial confirmatória (AFC), a sua consistência interna, fiabilidade teste-reteste, bem como a validade convergente através da aplicação da *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV* (FACES IV). Os resultados da AFC confirmaram o modelo teórico original, com uma estrutura de três fatores: sistema de crenças (SC), padrões organizacionais (PO) e padrões comunicacionais (PC). Verificou-se um ajustamento aceitável do modelo ( $CFI = 0,917$  e  $RMSEA = 0,075$ ; 90% IC [0,073 – 0,077]). Todas as dimensões do WFRQ-PT apresentaram boa consistência interna, SC ( $\alpha = 0,96$ ), PO ( $\alpha = 0,89$ ) e PC ( $\alpha = 0,95$ ), bem como a escala global ( $\alpha = 0,98$ ). Os resultados do teste-reteste, numa subamostra de 40 participantes, confirmaram a estabilidade temporal da medida. Foram encontradas associações positivas fortes entre as subescalas comunicação e satisfação familiar da FACES IV ( $0,69 < r < 0,75$ ) e todas as dimensões do WFRQ-PT, suportando a validade convergente da escala. Em suma, conclui-se que a versão portuguesa do WFRQ é um instrumento válido e fiável. O WFRQ-PT constitui uma medida que pode ser aplicada a adultos da população portuguesa e que se apresenta como uma ferramenta útil para a investigação em resiliência familiar, bem como para a prática clínica. Os contextos de aplicação são diversos, nomeadamente, no domínio da saúde, da intervenção comunitária e psicossocial.

**Palavras-chave:** Estrutura Fatorial; Estudo de Validação; Propriedades Psicométricas; Resiliência Familiar; *Walsh Family Resilience Questionnaire*.



## Abstract

Given the multiple challenges our society has been exposed to, it is urgent to study the factors associated with a positive family functioning and family resilience. The Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ) has been widely used over the years to study family resilience in various contexts of adversity. The present study aimed to develop and validate the Portuguese version of the WFRQ (WFRQ-PT). Participants were 1535 individuals (72,2% female), ranging from 18 to 83 years ( $M = 34,77$ ;  $SD = 14,07$ ). The three-factor structure of the scale was tested through confirmatory factor analysis (CFA), as well as its internal consistency, test-retest reliability, and convergent validity through the application of the *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV* (FACES IV). Results from CFA confirmed the original model with a three-factor structure: belief system (BS), organizational patterns (OP), and communication patterns (CP). The indicators showed an acceptable fit (CFI = 0,917 and RMSEA = 0,075; 90% CI [0,073 – 0,077]). All dimensions of the WFRQ-PT demonstrated good internal consistency, BS ( $\alpha = 0,96$ ), OP ( $\alpha = 0,89$ ), and CP ( $\alpha = 0,95$ ), as well as the global scale ( $\alpha = 0,98$ ). Test-retest results, in a subsample of 40 participants, indicated temporal stability. Strong positive associations were found between the communication and family satisfaction subscales of the FACES IV ( $0,69 < r < 0,75$ ) and all the dimensions of the WFRQ-PT, supporting the convergent validity of the scale.

In sum, the Portuguese version of the WFRQ is a valid and reliable instrument. The WFRQ-PT is a measure that can be applied to adults in the Portuguese population, and it is a useful tool for research focused on family resilience, as well as in clinical practice. The contexts in which it can be applied are diverse, particularly in the fields of health, community and psychosocial intervention.

**Keywords:** Factor Structure; Family Resilience; Psychometric Properties; Validation Study; Walsh Family Resilience Questionnaire.



## Introdução

Nos últimos anos, a resiliência familiar tem sido alvo de vários estudos com o objetivo de identificar e compreender os processos envolvidos neste fenómeno. O conceito tem vindo a receber atenção crescente na investigação e na prática clínica, contrariando o foco anteriormente predominante no défice e na disfuncionalidade familiar (Walsh, 2016). Embora não haja consenso relativamente à sua definição, a literatura (Martins, 2014; Masten, 2018; Pinheiro, 2004; Reppold et al., 2012; Van Breda, 2001; Walsh, 2002; Yunes et al., 2001) sugere que a resiliência familiar é um conceito complexo, dinâmico, multifacetado e multidimensional, que envolve um conjunto de fatores individuais, relacionais, sociais e contextuais. De acordo com Black e Lobo (2008), a resiliência familiar explica o porquê de algumas famílias não só sobreviverem a situações adversas, como também prosperarem e ficarem fortalecidas no decorrer das mesmas.

A identificação de fatores associados a um funcionamento familiar positivo e de processos promotores de resiliência tem, continuamente, despertado interesse junto de investigadores e de clínicos que trabalham com famílias (Fonseca et al., 2018). Porém, os múltiplos e crescentes desafios a que a nossa sociedade tem sido exposta, de ordem financeira, social e política, incluindo questões relativas à emergência climática e à escalada de conflitos armados internacionais, com consequências desastrosas a nível humanitário e económico, reforçam a atualidade e pertinência do estudo da resiliência familiar.

Uma das contribuições mais importantes e amplamente conhecidas para a compreensão da resiliência familiar é o trabalho desenvolvido por Froma Walsh (1996, 2016). A autora aborda este conceito numa perspetiva desenvolvimental e ecossistémica, promovendo uma visão relacional da resiliência. Para além da identificação de processos familiares chave que promovem a resiliência familiar, Walsh (2016) desenvolveu o *Walsh Family Resilience Questionnaire*, um questionário de autorresposta que permite a operacionalização deste construto. O presente trabalho procura descrever o processo de desenvolvimento e validação da versão portuguesa deste instrumento, examinando a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas da medida.

### Resiliência Familiar: Evolução de Perspetivas Teóricas

Os primeiros estudos sobre resiliência debruçaram-se sobre fatores ou características de ordem individual que permitiam às pessoas prosperar perante a adversidade (Masten &

Cicchetti, 2016). Desde a década de noventa, vários autores (Hawley & DeHaan, 1996; Masten, 2018) chamaram a atenção para a interseção entre os estudos da resiliência individual e familiar, sugerindo a existência de benefícios na integração do conhecimento adquirido ao nível da resiliência individual para a exploração do conceito de resiliência familiar. Paralelamente, a perspetiva individual evoluiu para reconhecer a importância da família como um sistema que influencia a resiliência do indivíduo (Tusaie & Dyer, 2004; Van Breda, 2001).

As conceções sobre a resiliência familiar entendem que este fenómeno é mais do que a soma da resiliência de cada um dos membros da família, reconhecendo a família como um sistema com impacto na resiliência individual e familiar, e não, apenas, como um contexto no qual o indivíduo se desenvolve (Henry et al., 2015; Oh & Chang, 2014). Uma das principais mudanças na conceptualização de resiliência familiar refere-se à perceção desta como um processo ao invés de um traço (Oh & Chang, 2014). Com efeito, se inicialmente a resiliência familiar era vista como um traço estável, presente nalgumas famílias e ausente noutras, a literatura (Henry et al., 2015; Patterson, 2002; Tusaie & Dyer, 2004) tem apontado a resiliência familiar como um processo contínuo e dinâmico. Partindo desta premissa, torna-se possível assumir que todas as famílias têm capacidade para reforçar a sua resiliência através de processos-chave adaptativos (Patterson, 2002; Walsh, 2016). Embora não exista uma lista universal referente a estes processos-chave, alguns autores (e.g., Black & Lobo, 2008; Oh & Chang, 2014) identificaram, através da análise de estudos sobre resiliência familiar, um conjunto de atributos/fatores comuns em famílias reconhecidas como resilientes. Entre eles, destacam-se: a confiança coletiva, a espiritualidade, a visão positiva da vida, o suporte social, a flexibilidade, os padrões de comunicação abertos e a resolução colaborativa de problemas.

Se, nas fases iniciais, os estudos em torno da resiliência familiar forneceram a base para a teoria, investigação e prática com famílias, atualmente, é necessária uma abordagem integrativa dos diferentes modelos, reconhecendo-se a importância de uma abordagem interdisciplinar e sensível ao contexto (Henry et al., 2015; Masten, 2018). O modelo sistémico tem vindo a oferecer uma estrutura unificadora em diversas áreas de estudo, incluindo no campo da resiliência, existindo, atualmente, um consenso quanto ao facto deste se tratar de um conceito sistémico (Masten & Cicchetti, 2016). Esta evolução para uma compreensão mais dinâmica, sistémica, culturalmente sensível e integrada da resiliência familiar traz implicações significativas tanto para a prática clínica, como para o desenvolvimento de políticas promotoras do potencial de resiliência das famílias. Sublinha-se, deste modo, a importância dos estudos sobre resiliência familiar para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção

junto das famílias, quer se encontrem em situações de risco (de Andrade & da Cruz, 2011) ou em situações de crise normativa, uma vez que estão, invariavelmente, sujeitas aos múltiplos desafios sociais de um mundo em constante transformação.

Neste sentido, o modelo de resiliência familiar proposto por Walsh, assente numa visão ecossistémica e desenvolvimental, tem vindo a responder aos vários desafios conceptuais e práticos identificados no estudo da resiliência familiar. Atendendo ao objetivo do presente trabalho, o modelo de resiliência familiar proposto pela autora (Walsh, 1996, 2016) é abordado de forma mais detalhada na próxima secção.

### **Abordagem Sistémica da Resiliência Familiar**

A partir da sua longa experiência clínica e investigação na área (Walsh, 1996, 2003, 2016), a terapeuta familiar Froma Walsh desenvolveu uma perspetiva ecossistémica e desenvolvimental da resiliência familiar. Segundo a autora, as situações adversas afetam a família e todos os seus membros, colocando em risco não apenas o funcionamento individual, mas também o sistema familiar. Assim, de acordo com Walsh (1996, 2003, 2006, 2016), a resiliência familiar refere-se à capacidade do sistema familiar, como um todo, para resistir e recuperar da adversidade, saindo fortalecido e com mais recursos. Mais do que a capacidade para lidar com fatores *stressores*, a resiliência envolve uma adaptação positiva, com um potencial de transformação e crescimento adquirido através dessa mesma experiência (Walsh, 2020). Esta abordagem enfatiza, não só a necessidade de considerar o contexto sociocultural, como também, a fase do ciclo de vida em que o indivíduo e a família se encontram, assumindo um cunho marcadamente ecossistémico e desenvolvimental. Nesta concepção, a resposta adaptativa do sistema familiar perante a adversidade será mediada por processos familiares chave (Walsh, 2020). São identificados nove processos-chave (crenças e práticas facilitadoras) potenciadores da resiliência familiar, os quais se encontram organizados em três domínios do funcionamento familiar: sistemas de crenças, processos organizacionais e processos comunicacionais (Walsh, 2003, 2016, 2021).

Segundo a autora, o sistema de crenças é fundamental para o funcionamento familiar, sendo inclusivamente caracterizado como a “*alma e coração*” do processo de resiliência familiar (Walsh, 2006, p. 49). O sistema de crenças partilhadas pela família fornece coerência e dá sentido à experiência negativa, permitindo que a família e seus membros enfrentem as adversidades. Os processos-chave reunidos nesta dimensão incluem: dar sentido à adversidade, ter uma visão positiva (*positive outlook*) e, a transcendência e espiritualidade. A criação de um

significado e as crenças positivas sobre a competência e sucesso da família, bem como a noção de um propósito maior, são consideradas ferramentas essenciais para a superação do sofrimento, a recuperação e o crescimento da família.

Na segunda dimensão, são descritos os processos organizacionais, identificados como “*amortecedores de choques familiares*” (Walsh, 2006, p. 83). A flexibilidade, a coesão e suporte mútuo, e os recursos económicos e sociais são os três processos-chave incluídos nesta dimensão. A flexibilidade na gestão das situações adversas, a rede de apoio intrafamiliar com laços afetivos fortes e positivos, mas também a mobilização de recursos externos (económicos e sociais) afiguram-se fundamentais para um funcionamento familiar eficaz e equilibrado, promovendo o sentimento de segurança (Walsh, 2006).

A terceira dimensão diz respeito aos processos comunicacionais, englobando os seguintes três processos familiares chave: clareza, expressão emocional aberta e a resolução colaborativa de problemas (Walsh, 2006, 2021). A comunicação clara e congruente, baseada na empatia e confiança mútua, bem como a gestão de conflitos e a procura colaborativa por soluções são fundamentais para a resiliência familiar. No limite, o essencial é que a comunicação não seja bloqueada, permitindo que os membros da família expressem livremente os seus sentimentos e pensamentos (Walsh, 2006). Neste modelo, a autora reforça o facto dos processos identificados serem dinâmicos e interrelacionados, envolvendo forças e recursos que as famílias podem mobilizar dentro do sistema familiar em interação com o seu contexto social, de forma a potenciar a resiliência familiar (Walsh, 2006, 2016, 2021).

### **Avaliação da Resiliência Familiar: *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)***

Perante a complexidade da resiliência familiar, a criação de instrumentos que permitam operacionalizar este construto revela-se uma tarefa exigente. Vários investigadores desenvolveram uma variedade de medidas alinhadas com as suas definições conceptuais de resiliência (Masten, 2018). A *Family Resilience Assessment Scale (FRAS)*; Sixbey, 2005) ou o *Individual, Family and Community Resilience Profile (IFCR)*; Distelberg et al., 2015) são exemplos de escalas que permitem uma avaliação da resiliência familiar.

Embora sejam conhecidos mais de uma centena de questionários para o estudo do funcionamento familiar (Pritchett et al., 2011), os instrumentos disponíveis para avaliar o nível de resiliência familiar existem em menor número. Numa revisão sistemática conduzida por Zhou et al. (2020), foram identificados 12 questionários para a avaliação da resiliência familiar.

A heterogeneidade ao nível das dimensões e itens que compõem estes instrumentos é vista pelos autores como um reflexo das diferentes compreensões existentes sobre resiliência familiar, aspecto que dificulta uma definição operacional consensual do conceito. Na revisão das qualidades psicométricas dos 12 questionários, verificou-se que a FRAS e o WFRQ se revelavam os instrumentos mais adequados para a avaliação da resiliência familiar no contexto de adversidade relativo ao domínio da saúde.

O WFRQ tem sido amplamente usado ao longo dos anos para o estudo da resiliência familiar em diversos contextos de adversidade, nomeadamente em situações de doença crónica (Duncan Lane et al., 2017; Park et al., 2023), com famílias com crianças com comportamentos de risco (Ritanti et al., 2023), com migrantes (Handayani, 2023), em contexto de conflitos armados, divórcio, entre outros (Walsh, 2021). Este questionário reflecte a conceptualização teórica da autora em torno da resiliência familiar, pelo que se propõe a avaliar este construto considerando as três dimensões e os nove processos familiares chave identificados no modelo. Note-se, porém, que as propriedades psicométricas do WFRQ não foram examinadas pela autora, não existindo dados acerca da fiabilidade e validade da versão original da escala (Garrison et al., 2022). A autora reconhece a complexidade conceptual e metodológica na utilização de questionários, bem como a frustração inerente a esta tarefa dada a natureza complexa do conceito de resiliência familiar (Walsh, 2021). Não obstante, Walsh (2021) salienta a necessidade de adaptação e validação do questionário em todas as culturas, de forma a enquadrar as perguntas de acordo com diferentes origens socioeconómicas, diferenças linguísticas, populações-alvo e tipos de adversidades estudadas.

Tendo em conta a relevância deste instrumento, suportado num sólido modelo teórico, o WFRQ conta já com traduções e adaptações em vários países (Duncan et al., 2021; Haji et al., 2018; Nadrowska et al., 2022; Rocchi et al., 2017; Sabah et al., 2021; Wang & Lu, 2022), nos quais o funcionamento psicométrico da medida tem sido examinado. Os estudos de adaptação e validação do WFRQ, conhecidos até à data, encontram-se sumariados na Tabela 1.

Globalmente, os nove estudos de validação revistos indicaram que o WFRQ é um instrumento fiável e válido para a avaliação da resiliência familiar nos contextos examinados. Em termos de estrutura fatorial da medida, os estudos realizados por Duncan et al. (2021) e Nadrowska et al. (2022) confirmaram a estrutura composta pelas três dimensões teóricas, tal como proposto originalmente pela autora: sistema de crenças, processos organizacionais e processos comunicacionais. Também Haji et al. (2018) e Sabah et al. (2021) partiram da proposta teórica da autora, mas optaram, de forma diferente dos autores previamente referidos,

**Tabela 1***Estudos de validação do WFRQ e principais resultados*

Autores	País	Participantes	Resultados				
			Análise da Estrutura Fatorial	Validade Convergente	Consistência Interna	Estabilidade Temporal	Nº de itens
Rocchi et al. (2017) Walsh-IT-R	Itália	Pacientes com doença crónica e familiares (n = 421)	AFE, AFC 3 fatores 1. Crenças partilhada e suporte 2. Organização e interação familiar 3. Utilização de recursos sociais	Faces III $r = 0,68; p < 0,001$	$\alpha$ total = 0,95 $\alpha = 0,93$ $\alpha = 0,86$ $\alpha = 0,57$	ICC = 0,98 – 0,99 (n = 175)	26
Haji et al. (2018).	Irão	Famílias iranianas a viver num centro militar de Teerão (n = 350)	AFC 9 fatores 1. Dar sentido à adversidade 2. Visão positiva 3. Transcendência e espiritualidade 4. Flexibilidade 5. Coesão 6. Recursos sociais e económicos 7. Mensagens claras e consistentes 8. Expressão emocional aberta 9. Resolução colaborativa de problemas		$\alpha = 0,71$ $\alpha = 0,72$ $\alpha = 0,72$ $\alpha = 0,73$ $\alpha = 0,70$ $\alpha = 0,73$ $\alpha = 0,72$ $\alpha = 0,72$ $\alpha = 0,71$	ICC = 0,87 (n = 350)	32
Sabah et al. (2021)	Argélia Iraque	Argélia (n = 250) Iraque (n = 140) Total (n = 380)	AFC 9 fatores 1. Dar sentido à adversidade 2. Visão positiva 3. Transcendência e espiritualidade 4. Flexibilidade 5. Coesão 6. Recursos sociais e económicos 7. Mensagens claras e consistentes 8. Expressão emocional aberta 9. Resolução colaborativa de problemas		$\alpha$ total = 0,96 $\alpha = 0,79$ $\alpha = 0,86$ $\alpha = 0,78$ $\alpha = 0,80$ $\alpha = 0,82$ $\alpha = 0,65$ $\alpha = 0,80$ $\alpha = 0,78$ $\alpha = 0,89$		32
Li & Li (2021) WFRQ-R-CHI	China	Sobreviventes de ataque cardíaco e cuidadores (n = 416)	AFE, AFC 3 fatores 1. Crenças familiares 2. Organização familiar 3. Comunicação e resolução de processos		$\alpha$ total = 0,83 $\alpha = 0,92$ $\alpha = 0,85$ $\alpha = 0,79$		26

Duncan et al. (2021)	EUA	Estudantes de uma universidade pública dos EUA (n = 603)	AFC 3 fatores 1. Sistema de crenças familiares 2. Padrões organizacionais 3. Processos de comunicação e resolução de problemas		$\alpha$ total = 0,94 $\alpha$ = 0,88 $\alpha$ = 0,85 $\alpha$ = 0,90		32
Nadowska et al. (2022) WFRQ-PL	Polónia	Residentes na Polónia (n = 930)	AFC 3 fatores 1. Sistema de crenças 2. Processos organizacionais 3. Processos comunicacionais	FRAS-PL r moderado a forte 0,168 – 0,567	$\alpha$ = 0,94 $\alpha$ = 0,86 $\alpha$ = 0,94		31
Garrison et al. (2022)	EUA	Adultos residentes em meio rural no centro-sul dos EUA (n = 603)	AFC, AFC 5 fatores 1. Sistema de crenças 2. Processos organizacionais 3. Processos comunicacionais 4. Recursos estruturados 5. Rotinas coesas		$\alpha$ total = 0,94 $\alpha$ = 0,89 $\alpha$ = 0,89 $\alpha$ = 0,73 $\alpha$ = 0,69 $\alpha$ = 0,55		28
Wang & Lu (2023) WFRQ-C	China	Adultos residentes na comunidade (n = 800)	AFC, AFC 3 fatores 1. Sistema de crenças familiares 2. Organização, comunicação e resolução de problemas 3. Utilização de recursos externos	CD-RISC-10 r = 0,56 SFHS-1 r = 0,55 Family APGAR-5 r = 0,51; p < 0,001	$\alpha$ total = 0,97 $\alpha$ = 0,93 $\alpha$ = 0,95 $\alpha$ = 0,72	ICC = 0,96 (n = 40)	26
Zhang et al. (2023) WFRQ-CE	China	Idosos com deficiência e seus cuidadores (n=566)	AFC, AFC 4 fatores 1. Crenças familiares 2. Organização e resolução de problemas 3. Comunicação familiar 4. Utilização de recursos externos	CD-RISC-10 r = 0,60 FCCSE r = 0,35 SSRS-10 r = 0,46; p < 0,001	$\alpha$ total = 0,93 $\alpha$ = 0,87 $\alpha$ = 0,83 $\alpha$ = 0,89 $\alpha$ = 0,65		26

Nota.  $\alpha$  = alfa de Cronbach, AFE = análise fatorial exploratória, AFC = análise fatorial confirmatória, FACES III= *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – version III*, CD-RISC-10 = *The Connor-Davidson Resilience Scale*, SFHS-1= *Self-reported Family Happiness Scale*, Family APGAR-5 = *Family Adaption, Partnership, Growth, Affection, Resolve Scale*, FCCSE = *Family Care Capacity Scale for Elderly Patients*, SSRS-10 = *Social Support Rating Scale*.

por testar um modelo que compreendia os nove processos familiares chave específicos do modelo, ao invés dos três domínios de funcionamento familiar. Outros autores partiram para uma lógica exploratória, obtendo resultados diferentes entre si ao nível do número de fatores a extrair e da composição dos mesmos. Por exemplo, Rocchi et al. (2017), Li e Li (2021) e Wang e Lu (2023) concluíram acerca da existência de 3 fatores, eliminando alguns itens, com base numa análise exploratória inicial, e propondo uma renomeação dos fatores. O estudo desenvolvido por Garrison et al. (2022) identificou uma estrutura de 5 fatores, acrescentando dois novos fatores às três dimensões originais.

Quanto à validade convergente da escala, quatro dos nove estudos revistos examinaram as associações entre os resultados do WFRQ e os resultados de outras medidas de avaliação. No estudo da versão italiana, a validade convergente foi avaliada com recurso à FACES III, tendo-se verificado uma correlação forte entre o total das duas escalas. Na versão polaca, Nadrowska et al. (2022) utilizaram a FRAS-PL, tendo encontrado correlações moderadas a fortes. Já nos estudos desenvolvidos por Wang e Lu (2023) a validade convergente foi testada recorrendo a três instrumentos: o CDRISC-10, que avalia a resiliência psicológica; o SFHS-1, para medir a percepção de felicidade familiar; e o Family APGAR-5, para aceder ao funcionamento familiar. Foram encontradas correlações fortes entre os resultados destes instrumentos e os do WFRQ-C. Por fim, Zhang et al. (2023) usaram o CD-RISC-10, o FCCSE (que avalia a competência cognitiva dos cuidadores, a coesão familiar e capacidade de apoio à família) e o SSRS-10. Os resultados revelaram correlações fortes entre os totais de todas as escalas aplicadas.

Relativamente à consistência interna, os estudos revistos indicaram valores de alfa de Cronbach entre 0,83 e 0,97 para a escala total e entre 0,55 e 0,95 para os fatores. Já a estabilidade temporal apenas foi testada nas versões italiana, iraniana e chinesa, tendo sido encontrados bons resultados, com valores de correlação moderados a fortes. Desta feita, constata-se que, nos estudos de validação a que foi sujeito, o WFRQ apresentou bons indicadores psicométricos. Relativamente às amostras usadas nos diferentes estudos, apenas a investigação levada a cabo por Rocchi et al. (2017) e Li e Li (2021) foi realizada com base numa amostra clínica. Os restantes estudos basearam-se em amostras da comunidade, sendo perceptível, por parte dos investigadores chineses, um investimento na validação deste instrumento para diferentes tipos de população (e.g., estudo com amostra clínica, com a comunidade, com idosos com deficiências e seus cuidadores). Finalmente, é possível ainda constatar que, de entre os nove estudos de validação do WFRQ apresentados, apenas dois foram

conduzidos em contexto europeu (Itália e Polónia). Reconhecendo-se a importância do estudo da resiliência familiar e da existência de instrumentos sólidos, eficazes e fiáveis que permitam a sua avaliação (Zhou et al., 2020), a validação do WFRQ para o contexto português adquire uma grande relevância.

## **O Presente Estudo**

Apesar da ampla utilização do WFRQ na avaliação da resiliência familiar em diversos países, ainda não existe uma versão da medida validada para o contexto português. Além disso, verifica-se uma escassez de instrumentos que permitem avaliar a resiliência familiar em Portugal (Melo & Alarcão, 2011).

Neste sentido, o presente trabalho teve como objectivo o desenvolvimento e validação da versão portuguesa do WFRQ. Foram examinadas a estrutura fatorial e as propriedades psicométricas da medida, a partir de uma amostra de adultos portugueses recolhida entre dezembro de 2020 e junho 2021. Deste modo, a recolha de dados para o presente estudo decorreu durante a pandemia de COVID-19, um período de grande convulsão social e económica, a nível nacional e internacional. Entre março 2020 e julho de 2021 foram decretados, em Portugal, dois confinamentos obrigatórios com medidas restritivas de circulação, encerramento de escolas e de serviços, cenário que trouxe grandes perturbações para a vida das famílias portuguesas. À semelhança dos trabalhos de Duncan et al. (2021) e Nadrowska et al. (2022), procuraremos inicialmente confirmar o modelo teórico proposto pela autora, o qual compreende que a resiliência familiar pode ser avaliada através de três dimensões de funcionamento familiar (sistema de crenças, padrões organizacionais e padrões comunicacionais). De forma a reunir evidências que suportem a validade convergente da medida, examinaremos as associações entre os resultados da versão portuguesa do WFRQ e os resultados da FACES IV, uma medida amplamente conhecida para o estudo do funcionamento familiar e já validada para o contexto português (Sequeira et al., 2021). No que diz respeito à fidelidade do instrumento, será avaliada a consistência interna da medida, bem como a estabilidade temporal, através da análise dos resultados obtidos por uma subamostra de 40 sujeitos que preencheu o questionário uma segunda vez, após o intervalo de 1/1,5 meses depois da primeira aplicação.

## Métodos

### Participantes e Procedimentos

Participaram neste estudo 1535 sujeitos (72,2% do sexo feminino; 92,4% com nacionalidade portuguesa), com uma idade compreendida entre os 18 e os 83 anos ( $M = 34,77$ ;  $DP = 14,07$ ). Aquando da recolha da amostra, 56% dos sujeitos encontrava-se empregado, 37% possuía uma licenciatura e 65,8% pertenciam a famílias com filhos adultos. Também verificámos que 53% dos sujeitos estava inserido numa estrutura familiar nuclear intacta. As características sociodemográficas dos participantes encontram-se especificadas na Tabela 2. Recorreu-se a uma amostra não probabilística, por conveniência. O processo de recolha de dados decorreu *online*, através da plataforma *Google Forms*, entre dezembro de 2020 e junho 2021. A divulgação do estudo foi feita nas redes sociais (e.g., Facebook), através da partilha de um *link* que permitia o acesso ao protocolo de investigação. Como critérios de inclusão, definiu-se ter idade igual ou superior a 18 anos e ser residente em Portugal.

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética do ISMT, cumprindo as normas éticas da Declaração de Helsínquia (WHO, 2004). Todos os participantes assinaram um consentimento informado, com a descrição dos objetivos do estudo e esclarecimento acerca do carácter voluntário da participação e confidencialidade dos dados.

#### *Procedimentos de tradução e adaptação da versão portuguesa do WFRQ*

Inicialmente, solicitou-se autorização para a tradução e validação da versão portuguesa do WFRQ à sua autora. O passo seguinte no processo de adaptação da escala envolveu a tradução e retroversão dos itens. Dois especialistas na área começaram por produzir uma tradução do inglês para o português. Um terceiro tradutor realizou a retroversão da versão anteriormente obtida em português para inglês. Por fim, a versão retrovertida foi comparada com a versão original em inglês pela equipa de investigação, não tendo sido encontradas divergências significativas entre as versões. A versão em português foi posteriormente sujeita a um estudo piloto, confirmando-se a compreensão e clareza dos itens da escala.

### Instrumentos

O protocolo de investigação incluía três questionários de autorresposta: um questionário de dados sociodemográficos e familiares, a versão portuguesa do WFRQ e a versão portuguesa da FACES IV, previamente validada para o contexto português (Sequeira et al., 2021).

**Tabela 2**  
*Caracterização sociodemográfica da amostra (N=1535)*

	<i>n</i>	<i>%</i>
<b>Sexo</b>		
Masculino	427	27,8
Feminino	1108	72,2
<b>Idade</b>		
18-29	728	47,4
30-39	241	15,7
40-49	321	20,9
50-59	164	10,7
60-69	43	2,8
>70	38	2,5
<b>Escolaridade</b>		
Sem grau ensino	2	0,1
Ensino Básico	173	11,3
Ensino Secundário	539	35,1
Licenciatura	568	37
Mestrado	220	14,3
Doutoramento	33	2,1
<b>Estado Civil</b>		
Solteira/o	737	48
Casada/o ou união de facto	642	41,8
Divorciada/o	84	5,5
Viúva/o	17	1
Recasado /Reunião de facto	16	1,1
N/A	39	2,5
<b>Situação ocupacional</b>		
Empregada/o	865	56,4
Desempregada/o	94	6,2
Trabalhador-estudante	99	6,4
Estudante	418	27,2
Reformado	59	3,8
<b>Rendimentos</b>		
Até 500 €	57	3,7
Entre 500€ e 1000€	268	17,6
Entre 1000€ e 2000€	667	43,8
Mais de 2000€	532	34,9
<b>Área de residência</b>		
Cidade	772	50,3
Vila	356	23,2
Aldeia	407	26,5
<b>Estrutura familiar</b>		
Agregado Unipessoal	119	7,8
Casal	233	15,2
Família nuclear intacta	820	53,4
Família nuclear alargada	159	10,4
Família monoparental	178	11,6
Família reconstituída	26	1,7
<b>Etapa do ciclo familiar</b>		
Formação do casal	178	11,6
Família com filhos pequenos	90	5,9
Família com filhos na escola	142	9,3
Família com filhos adolescentes	116	7,6
Família com filhos adultos	1009	65,8

Nota. *n* = nº de sujeitos da amostra, % = percentagem, N/A = não aplicável

### ***Questionário de dados sociodemográficos e familiares***

Os participantes responderam inicialmente a um conjunto de questões que permitiram a caracterização sociodemográfica e familiar da amostra. Foram recolhidas informações sobre: sexo, idade, estado civil, habilitações literárias, situação profissional, área de residência, composição do agregado familiar e etapa do ciclo familiar.

### ***Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)***

Este questionário de autorresposta propõe-se a avaliar a resiliência familiar através de 32 itens, com uma escala de resposta de Likert de cinco pontos, variando de (1) raramente/nunca, (2) poucas vezes, (3) às vezes, (4) frequentemente a (5) quase sempre. O conteúdo dos itens foca-se na forma como a família lida com as crises e desafios. Pontuações mais elevadas indicam maior resiliência familiar. Para além dos 32 itens, o questionário inclui ainda uma pergunta de resposta aberta sobre as crenças e práticas familiares consideradas especialmente úteis pelos respondentes para lidar com situações difíceis e stressantes.

### ***Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – version IV (FACES IV; Olson & Gorall, 2006; versão portuguesa de Sequeira et al., 2021)***

A FACES IV, alicerçada no modelo circunplexo de Olson (Olson & Gorall, 2006), tem como objetivo avaliar a coesão e flexibilidade do sistema familiar. Esta escala de autorresposta é composta por 62 questões, utilizando uma escala de resposta de Likert de 5 pontos, que varia entre (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) indeciso, (4) concordo, e (5) concordo totalmente. A escala divide-se em duas dimensões do funcionamento familiar, equilibrada (saudável) e desequilibrada (problemática), que, por sua vez, se desdobram em seis subescalas: duas escalas equilibradas (coesão e flexibilidade) e quatro escalas desequilibradas (desmembrada e emaranhada, relativamente à coesão; rígida e caótica, no que respeita à flexibilidade). Para além destas subescalas, a FACES IV apresenta ainda duas subescalas para avaliar a comunicação e a satisfação familiar. No presente estudo, os valores de alfa de Cronbach para as subescalas variaram entre 0,49 e 0,95. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 3.

**Tabela 3***Coeficiente de consistência interna das subescalas da FACES IV*

Subescalas	Alfa de Cronbach
Coesão equilibrada	$\alpha = 0,80$
Flexibilidade equilibrada	$\alpha = 0,85$
Desmembrada	$\alpha = 0,93$
Emaranhada	$\alpha = 0,80$
Rígida	$\alpha = 0,49$
Caótica	$\alpha = 0,72$
Comunicação	$\alpha = 0,94$
Satisfação	$\alpha = 0,95$
Total	$\alpha = 0,88$

**Análise Estatística**

A análise dos dados realizou-se com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS Statistics, versão 26) e ao *Analysis of Moment Structures* (AMOS). Inicialmente, foram calculadas as médias, os desvios-padrão, a assimetria e a curtose para os 32 itens da versão portuguesa do WFRQ. Os valores de assimetria (entre -1,083 e -0,183) e de curtose (entre -0,945 e -0,41) sugeriram uma amostra normalmente distribuída, uma vez que não foram encontrados valores superiores a  $\pm 2$  (George & Mallery, 2010).

Com o objetivo de confirmar a estrutura trifatorial da escala recorreu-se ao método de estimativa de máxima verossimilhança (ML) nos procedimentos de análise fatorial confirmatória (AFC). Relativamente ao ajustamento do modelo, foram analisados o Qui Quadrado ( $\chi^2$ ), o *Comparative Fit Index* (CFI) e o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Na presença de uma amostra superior a 250 participantes e de um modelo com mais de 30 variáveis observadas, considerámos valores de RMSEA abaixo de 0,07 e os de CFI de 0,90 ou superior como indicativos de um bom ajustamento do modelo (Hair et al., 2010).

Para avaliar a consistência interna, foram calculados os coeficientes alfa de Cronbach, para a escala total e para os 3 fatores, sendo considerados valores superiores a 0,7 indicativos de boa consistência interna. Também foram analisados os valores das correlações item-total, tendo sido considerados indicativos de boa discriminação quando superiores a 0,30 (Wilmot, 1975). Relativamente à determinação da fiabilidade teste-reteste, foram realizadas correlações

de Pearson numa subamostra de 40 participantes que completaram uma segunda aplicação do questionário entre um mês a um mês e meio mais tarde. De acordo com Litwin (1995), valores obtidos numa correlação de Pearson iguais ou superiores a 0,70 são considerados adequados para a fiabilidade teste-reteste.

No que respeita à análise da validade convergente, foram calculadas correlações de Pearson entre as pontuações totais e as subescalas do WFRQ e da FACES IV. Os coeficientes foram interpretados de acordo com Cohen (1988), da seguinte forma: correlações pequenas ( $r > \pm 0,10$ ), correlações médias ( $r > \pm 0,30$ ) e correlações fortes ( $r > \pm 0,50$ ).

## Resultados

### Análise dos Itens

Os resultados da análise descritiva dos itens da versão portuguesa do WFRQ encontram-se apresentados na Tabela 4. Relativamente à média dos itens, o valor mais baixo (3,03) registou-se no item 22 (“*Podemos aceder a recursos da nossa comunidade para ajudar a nossa família em tempos difíceis*”) e o valor mais alto (4,03) recaiu no item 31 (“*Celebramos os sucessos e aprendemos com os erros*”). Os coeficientes de correlação item-total indicaram uma boa discriminação de todos os itens, apresentando valores superiores a 0,30 ( $0,35 < r < 0,84$ ).

### Análise Fatorial

Com o objetivo de confirmar a estrutura original da escala composta por três fatores (sistema de crenças, padrões organizacionais e padrões comunicacionais), recorreu-se a uma AFC. Os resultados encontrados para o modelo inicialmente testado não revelaram um bom ajustamento:  $\chi^2(461) = 5863,419$ ;  $p < 0,001$ ; CFI = 0,886; RMSEA = 0,087; 90% IC [0,085 – 0,089]. Procedemos, posteriormente, à deteção de erros de especificação através de índices de modificação (MacCallum, 1986), tendo sido adicionadas 7 correlações de erros dentro do mesmo fator, como se apresenta na Figura 1. Especificamente, foram adicionadas ao modelo correlações entre os erros dos seguintes itens: 2 e 3, 2 e 4, 3 e 4, 21 e 22, 25 e 26, 20 e 22, e 25 e 28. Este procedimento foi guiado não só com base nos valores dos índices de modificação, mas também tendo em conta uma fundamentação teórica válida. De facto, os itens 2, 3, e 4, para além de pertencerem à mesma dimensão (sistema de crenças), dizem respeito ao mesmo processo-chave (dar sentido à adversidade) e apresentam uma linguagem semelhante (e.g., .., “*Abordamos uma crise como um desafio que conseguimos gerir e superar se partilharmos*”).

esforços”, “*Tentamos encontrar um sentido para as situações stressantes e concentrarmo-nos nas nossas opções*”, “*Encaramos o stress com a nossa situação como algo normal e compreensível*”).

**Tabela 4**

*Estatísticas descritivas dos itens do WFRQ-PT e consistência interna*

Item	$\alpha$	$M$	$DP$	Assimetria	Curtose	Correlação item-total corrigida	Alfa com item excluído
<b>Sistema de crenças</b>	0,96	49,15	10,52	-0,88	0,84		
Item 1		3,86	1,09	-0,90	0,27	0,74	0,975
Item 2		3,60	0,96	-0,54	0,09	0,73	0,975
Item 3		3,74	0,10	-0,70	0,26	0,82	0,975
Item 4		3,73	0,96	-0,72	0,41	0,81	0,975
Item 5		3,95	0,93	-0,86	0,55	0,77	0,975
Item 6		3,96	0,99	-0,96	0,60	0,84	0,975
Item 7		3,92	0,93	-0,89	0,74	0,84	0,975
Item 8		3,78	0,97	-0,74	0,28	0,80	0,975
Item 9		3,96	0,10	-0,97	0,62	0,82	0,975
Item 10		3,19	1,27	-0,29	-0,95	0,44	0,975
Item 11		3,71	1,01	-0,66	0,78	0,82	0,975
Item 12		3,84	0,96	-0,79	0,48	0,80	0,975
Item 13		3,91	0,96	-0,88	0,66	0,82	0,975
<b>Padrões organizacionais</b>	0,89	33,91	6,69	-0,77	1,03		
Item 14		3,83	0,93	-0,77	0,57	0,81	0,975
Item 15		3,82	0,97	-0,74	0,29	0,84	0,975
Item 16		3,96	1,01	-1,00	0,699	0,74	0,975
Item 17		3,99	1,01	-1,01	0,66	0,80	0,975
Item 18		3,93	0,96	-0,92	0,64	0,81	0,975
Item 19		3,88	1,00	-0,84	0,37	0,71	0,975
Item 20		3,88	0,97	-0,79	0,38	0,58	0,976
Item 21		3,60	1,03	-0,50	-0,17	0,46	0,976
Item 22		3,03	1,23	-0,18	-0,93	0,35	0,977
<b>Padrões comunicacionais</b>	0,95	38,46	8,24	-0,91	0,88		
Item 23		3,46	1,095	-0,54	-0,30	0,57	0,976
Item 24		3,75	0,996	-0,70	0,16	0,80	0,975
Item 25		4,02	1,00	-1,02	0,66	0,82	0,975
Item 26		3,91	1,02	-0,91	0,47	0,77	0,975
Item 27		3,74	1,06	-0,70	-0,04	0,79	0,975
Item 28		4,09	0,97	-1,08	0,94	0,82	0,975
Item 29		3,73	1,02	-0,69	0,08	0,82	0,975
Item 30		3,91	0,91	-0,89	0,79	0,82	0,975
Item 31		4,03	0,94	-0,90	0,84	0,80	0,975
Item 32		3,83	0,97	-0,79	0,44	0,75	0,975
<b>Total</b>	0,98	121,53	24,34	-0,92	1,06		

Nota.  $\alpha$  = alfa de Cronbach,  $M$  = Média,  $DP$  = Desvio Padrão

O mesmo se aplica aos itens 20 (“*Podemos contar com o suporte dos amigos e da nossa comunidade*”), 21 (“*Temos segurança financeira que nos permite superar tempos difíceis*”) e 22 (“*Podemos aceder a recursos da nossa comunidade para ajudar a nossa família em tempos difíceis*”), todos inseridos na dimensão padrões organizacionais e referente ao mesmo processo-

chave (mobilização de recursos). Finalmente, os itens 25, 26 e 28, integrados na dimensão padrões comunicacionais, apresentam também uma linguagem similar “...expressar as nossas opiniões e ser sinceros...”, “...expressar sentimentos negativos e difíceis...”, “Podemos partilhar sentimentos positivos...”, com todos os itens a fazerem referência à capacidade de expressão. Tendo em conta a análise do conteúdo dos itens e dos respetivos processos-chave, justificou-se a adição da covariância dos erros. Através deste procedimento, o modelo reespecificado indicou um ajustamento aceitável:  $\chi^2(454) = 4378,358$ ; CFI = 0,917 e RMSEA = 0,075; 90% IC [0,073 – 0,077]. No que diz respeito às cargas fatoriais dos itens, todos apresentaram valores superiores a 0,40, exceptuando o item 22 (0,32), que ainda assim apresentou valores acima do critério definido como aceitável ( $> 0,30$ ) (Wilmut, 1975).

### **Fidelidade**

Os valores obtidos no cálculo do alfa de Cronbach suportaram a consistência interna da medida. Para a escala total, foi obtido um valor de 0,98. Para as dimensões, os valores foram de 0,96 para o sistema de crenças, 0,89 para os padrões organizacionais e 0,95 para os padrões comunicacionais (Tabela 4). Adicionalmente, verificou-se que a remoção de itens com valores de correlação item-total mais baixos (e.g., o item 22) teria um impacto pouco significativo no valor de alfa de Cronbach da escala total, bem como no fator a que pertencem. Quanto à fiabilidade teste-reteste, foram obtidos valores de correlação positivos e estatisticamente significativos: 0,89 para a escala total, 0,83 para o sistema de crenças, 0,85 para os padrões organizacionais e 0,78 para os padrões comunicacionais.

### **Validade Convergente**

Tal como apresentado na Tabela 5, foram encontradas correlações positivas fortes entre os resultados da versão portuguesa do WFRQ e as subescalas comunicação e satisfação familiar da FACES IV. No que diz respeito à dimensão da coesão, foram encontradas correlações positivas e moderadas entre os resultados do WFRQ-PT e as pontuações obtidas na escala equilibrada da coesão, bem como numa das subescalas desequilibradas (emaranhada).

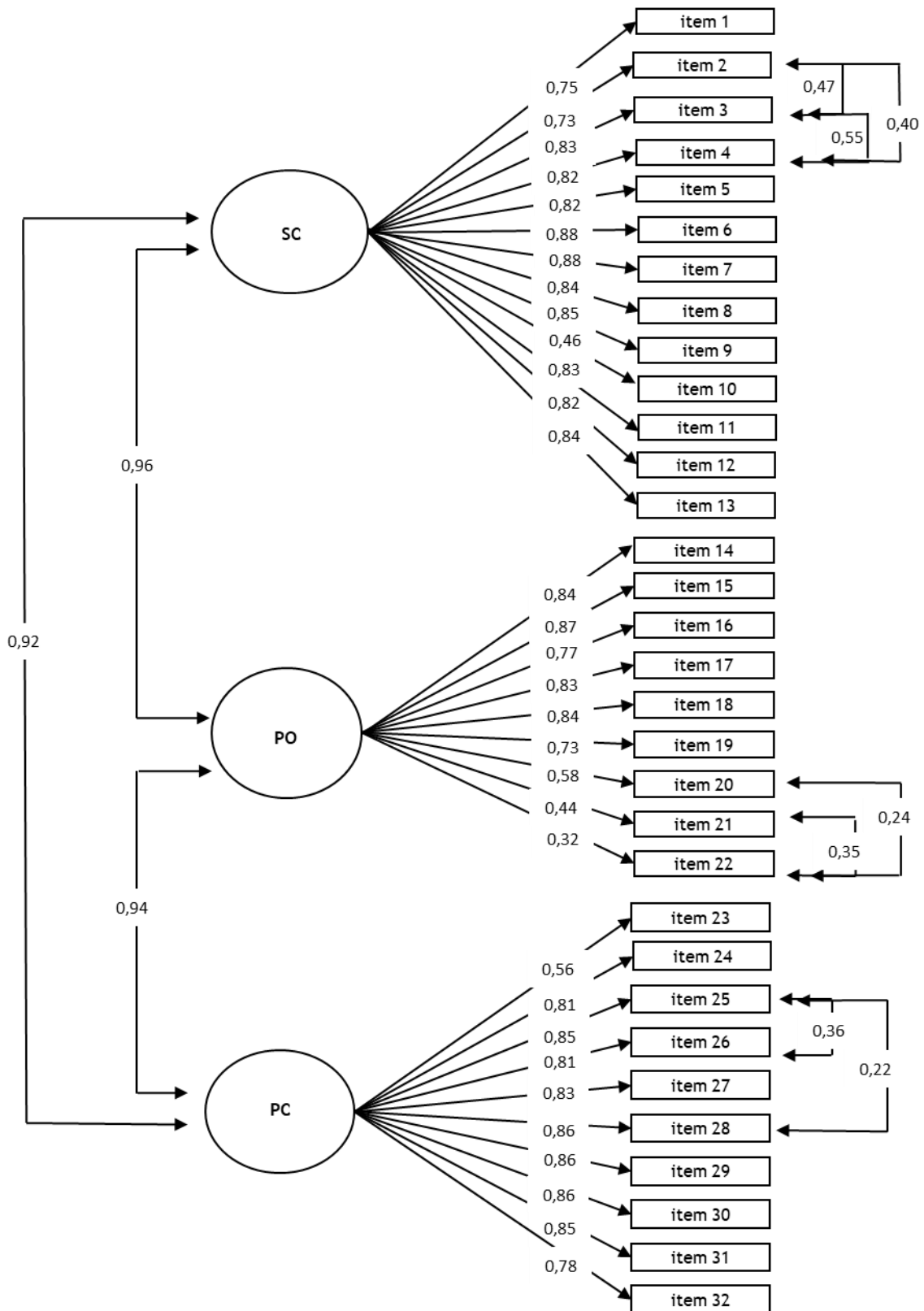


Figura 1. Ajustamento do modelo reespecificado,  $\chi^2(454) = 4378,358; p < 0,001; CFI = 0,917$  e  $RMSEA = 0,075$

Nota. SC = sistema de crenças, PO = padrões organizacionais, PC = padrões comunicacionais

**Tabela 5***Correlações entre os resultados do WFRQ-PT e da FACES IV*

FACES IV	WFRQ_Total	SC	PO	PC
Coesão	0,38**	0,36**	0,36**	0,37**
Flexibilidade	0,18**	0,16**	0,18**	0,17**
Desmembrada	0,07**	0,07**	0,06*	0,07**
Emaranhada	0,34**	0,34**	0,30**	0,32**
Rígida	-0,06**	-0,05*	-0,04	-0,07**
Caótica	-0,05**	-0,03	-0,05*	-0,05*
Comunicação	0,75**	0,73**	0,68**	0,73**
Satisfação familiar	0,75**	0,72**	0,69**	0,73**

*Nota.* SC = sistema de crenças, PO = padrões organizacionais, PC = padrões comunicacionais, \*\* $p < 0,001$ ; \* $p < 0,05$

## Discussão

O trabalho desenvolvido por Froma Walsh (2003, 2016) focado na resiliência familiar assume-se como um dos contributos mais significativos para a investigação em torno deste fenómeno. Para além de nos apresentar uma conceptualização clara de resiliência familiar, assente numa visão ecossistémica e desenvolvimental, e de identificar um conjunto de processos familiares chave que promovem a mesma, a autora avançou com uma proposta de operacionalização deste complexo construto. Ilustrando a necessidade e pertinência da existência de uma medida para a avaliação da resiliência familiar, o WFRQ tem sido alvo de vários estudos de validação em diferentes línguas, culturas e populações específicas. Em Portugal, contudo, ainda não tinha sido realizada uma validação desta medida. O presente estudo teve como objetivo adaptar e validar a versão portuguesa do WFRQ (WFRQ-PT), através da análise da sua estrutura fatorial e das suas propriedades psicométricas. Os resultados obtidos suportaram que a medida é válida e fiável, sugerindo que os itens do WFRQ-PT são adequados para avaliação da resiliência familiar.

Em primeiro lugar, os nossos resultados permitiram confirmar a estrutura de três fatores – sistemas de crenças, padrões organizacionais e padrões comunicacionais – proposta originalmente e alinhada com o modelo teórico da autora. Os resultados da versão portuguesa vão, assim, ao encontro dos estudos desenvolvidos por Duncan et al.(2021) para a versão americana e por Nadrowska et al.(2022) para a versão polaca, que confirmaram também a estrutura trifatorial da medida, compreendendo as dimensões previstas no modelo teórico.

Relativamente às cargas fatoriais dos itens da escala, encontrámos valores aceitáveis ( $>0,30$ ) em todos os itens, sendo o item 22 aquele que apresentou um valor mais baixo (0,32). Este resultado específico acaba por ser consonante com a investigação internacional, na medida em que o item 22 tem sido frequentemente identificado como problemático, chegando a ser removido, por exemplo, das versões das escalas polaca (Nadrowska et al., 2022) e italiana (Rocchi et al., 2017). De forma importante, os diversos estudos de adaptação e validação, identificados na Tabela 1, revelam uma grande heterogeneidade de resultados, particularmente no que diz respeito ao número e natureza das dimensões identificadas e ao número de itens que compõem as mesmas. O facto das qualidades psicométricas da versão original da escala não terem sido estabelecidas inicialmente pela autora, bem como diferentes opções metodológicas e a complexidade do construto de resiliência familiar, podem justificar esta tendência de investigação e resultados. Consideramos, contudo, que a utilização do WFRQ, envolvendo os 32 itens originais e as dimensões consonantes com o modelo teórico, tal como suportado pelos dados deste estudo, traz benefícios para a investigação e para a prática clínica. Neste ponto partilhamos da opinião de Duncan et al. (2021), sublinhando que a métrica comum ajuda a perceber e a comparar as variações entre contextos geográficos e sociais. Para além disto, os autores defendem que uma medida de resiliência familiar uniformizada apresenta o potencial de ser usada para concentrar a distribuição de recursos e esforços de forma eficiente na promoção de processos-chave. Por outro lado, a investigação e a intervenção clínica beneficiam de maior sustentação teórica para examinar a resiliência familiar como um construto global ou focar-se numa das suas dimensões.

Quanto à consistência interna, os nossos resultados suportaram a fiabilidade da escala. Adicionalmente, a correlação forte entre os resultados da primeira e da segunda aplicação do WFRQ-PT contribuiu para atestar a estabilidade temporal da medida. Estudos futuros, porém, poderão continuar a examinar esta propriedade da medida, considerando subamostras de maiores dimensões e outros intervalos de tempo.

As associações encontradas entre os resultados das subescalas da FACES IV e do WFRQ-PT permitiram reunir evidência acerca da validade convergente da escala. As análises de correlação indicaram que, como teoricamente seria expectável, níveis mais elevados de resiliência familiar encontravam-se positivamente associados a pontuações mais altas nas subescalas de satisfação familiar e comunicação. A mesma tendência foi verificada entre as pontuações obtidas no WFRQ-PT e nas subescalas coesão e emaranhada da FACES IV. À partida, este último resultado não seria esperado, na medida em que a subescala emaranhada

representa uma das subescalas desequilibradas desta medida de funcionamento familiar. Os dados obtidos no estudo de validação português da FACES IV podem ajudar a compreender este resultado. Com efeito, Sequeira et al. (2021) identificaram nas famílias portuguesas um grau de emaranhamento e rigidez que parece caracterizar o funcionamento familiar “normal”, podendo aproximar, ocasionalmente, estas dimensões do funcionamento familiar “saudável”. Além disso, este resultado pode também estar associado ao contexto no qual o presente estudo foi realizado, uma vez que a recolha de dados decorreu num contexto de adversidade específico, marcado pela pandemia e pelos sucessivos confinamentos, entre outras medidas decretadas pelo governo português nesta altura de crise. Para Arsénio et al. (2022), as circunstâncias únicas da pandemia de COVID-19, em que as famílias viram as suas rotinas drasticamente alteradas, com grande parte do tempo a ser passado juntos dentro de casa, complexificou a afirmação da independência dos elementos da família. Atendendo assim, quer às características das famílias portuguesas, quer ao contexto de adversidade que os participantes deste estudo atravessavam aquando da realização do mesmo, torna-se compreensível que pontuações mais altas de emaranhamento possam reflectir-se positivamente na perceção de resiliência familiar dos membros da família neste período.

Em suma, a partir dos resultados apresentados, este estudo mostrou que a versão portuguesa do WFRQ, composta por 32 itens, constitui um questionário adequado e uma medida útil para avaliar os processos-chave da resiliência familiar. Considera-se que o facto da recolha da amostra desta investigação ter sido realizada no contexto da pandemia de COVID-19 constitui uma das forças desta investigação. Com efeito, os dados deste estudo proporcionam um primeiro olhar sobre os processos de resiliência familiar das famílias portuguesas num contexto de particular e significativa adversidade global. Efetivamente, o ano de 2020 foi marcado pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, obrigando as famílias a lidar com fatores *stressores* imprevisíveis que colocaram em causa o seu bem-estar. Neste período, as famílias foram multidesafiadas, ficando sujeitas, não só a diversas fontes de stress, bem com a elevados níveis de stress (Walsh, 2020). Foi um período marcado pela constante luta das famílias pela sobrevivência e pela necessidade de apoio para desenvolver a resiliência (Walsh, 2020).

Com a validação do WFRQ-PT fica disponível uma medida de resiliência familiar, que pode contribuir para o desenvolvimento de estudos em diferentes contextos de adversidade, dos quais se espera que decorram importantes implicações práticas para o trabalho com famílias. Conhecer e identificar os diversos processos-chave envolvidos na resiliência familiar

possibilita, por meio de intervenções de várias ordens (psicossociais, clínicas, comunitárias etc), fortalecer e/ou potenciar esses processos dotando as famílias de recursos que permitam uma maior probabilidade de sucesso face a situações adversas. Compreendendo que eventos altamente stressantes impactam toda a família e que, por sua vez, os processos familiares facilitam a adaptação de todos os membros (Walsh, 2021), é fundamental que reforcemos os fatores protetores para nos prepararmos para futuras emergências de saúde e outras crises (Kauhanen et al., 2022).

O presente estudo apresenta também algumas limitações que devem ser mencionadas, tal como a utilização de uma amostra não probabilística e a homogeneidade da amostra no que diz respeito a algumas variáveis (e.g., sexo). Em estudos futuros, a amostra deverá ser mais heterogénea com uma distribuição mais equilibrada no que concerne ao sexo, à área de residência e etapa do ciclo familiar, por forma a aproximar-se mais da representatividade da população portuguesa.

No que diz respeito a estudos futuros, uma linha de investigação pertinente poderá passar pela validação deste instrumento junto de populações específicas (e.g., amostras clínicas). Noutra vertente, a validade convergente deverá continuar a ser examinada, recorrendo-se nomeadamente a instrumentos usados nos estudos de validação realizados noutros países. Por último, seria de extrema relevância o estudo das respostas dadas pelos participantes na questão aberta colocada no final do questionário, acerca das estratégias usadas pelas famílias portuguesas para lidar com situações de elevado stress.

Em última análise, a validação da versão portuguesa do WFRQ possibilita a avaliação da resiliência familiar com recurso a um instrumento fidedigno, para além de contribuir para a comparação de resultados de estudos realizados em diferentes realidades socioculturais. Em estudos futuros, a utilização desta medida poderá proporcionar uma compreensão mais integrada dos processos de resiliência ativados pelas famílias portuguesas em diferentes contextos, possibilitando, assim, a profissionais e a decisores políticos, o desenvolvimento e implementação de práticas e medidas para fortalecer a resiliência das famílias portuguesas.

### Referências Bibliográficas

- Arsénio, J., Fonseca, G., Portugal, A., & Crespo, C. (2022). Cohesion and conflict for mothers during the pandemic: Results of the Portuguese version of the COVID-19 Household Environment Scale. *Family Process*, 00, 1–16. <https://doi.org/10.1111/famp.12838>
- Black, K., & Lobo, M. (2008). A conceptual review of family resilience factors. *Journal of family nursing*, 14(1), 33–55. <https://doi.org/10.1177/1074840707312237>
- De Andrade Seidl, M. L., & da Cruz Benetti, S. P. (2011). Resiliencia familiar: Nuevas perspectivas en la promoción y prevención en salud. *Diversitas: Perspectivas en Psicología*, 7(1), 43-55.
- Distelberg, B. J., Martin, A. S., Borieux, M., & Oloo, W. A. (2015). Multidimensional family resilience assessment: The Individual, Family, and Community Resilience (IFCR) Profile. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 25(6), 552–570. <https://doi.org/10.1080/10911359.2014.988320>
- Duncan Lane, C., Meszaros, P. S., & Savla, J. (2017). Measuring Walsh’s family resilience framework: Reliability and validity of the Family Resilience Assessment among women with a history of breast cancer. *Marriage and Family Review*, 53(7), 667–682. <https://doi.org/10.1080/01494929.2016.1263588>
- Duncan, J. M., Garrison, M. E., & Killian, T. S. (2021). Measuring family resilience: Evaluating the Walsh Family Resilience Questionnaire. *Family Journal*, 29(1), 80–85. <https://doi.org/10.1177/1066480720956641>
- Fonseca, G., Crespo, C., McCubbin, L. D., & Relvas, A. P. (2018). Validation study of the Portuguese version of the Family Problem Solving Communication (FPSC) Index. *Journal of Child and Family Studies*, 27(4), 1088–1097. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0974-3>
- Garrison, M. E. B., Duncan, J. M., & Killian, T. S. (2022). The Walsh Family Resilience Questionnaire: More empirical support. *Family Journal*, 31(3), 523–526. <https://doi.org/10.1177/10664807221139507>
- George, D., & Mallery, P. (2010). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference, 17.0 update.* (10 ed.). Allyn & Bacon

- Gomes, H. M. S., Peixoto, F., & Gouveia-Pereira, M. (2019). Portuguese validation of the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – FACES IV. *Journal of Family Studies*, 25(4), 477–494. <https://doi.org/10.1080/13229400.2017.1386121>
- Haji, M.D., Karaminia, R., Salimi, S.H., & Tahour, M.A. (2018). Translation and validation of the “Walsh Family Resilience Questionnaire” for Iranian families. *International Journal of Behavioral Sciences*, 12, 48-52.
- Handayani, R., Nugroho, F., & Adi, I. (2023). Resilience level of non migrant and migrant families in Serang village, Banten province. *International Journal of Social Science Research and Review*, 6(7), 83-94. <https://doi.org/10.47814/ijssrr.v6i7.1281>
- Hawley, D. R., & DeHaan, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life-span and family perspectives. *Family Process*, 35(3), 283–298. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00283.x>
- Henry, C. S., Sheffield Morris, A., & Harrist, A. W. (2015). Family resilience: Moving into the third wave. *Family Relations*, 64(1), 22–43. <https://doi.org/10.1111/fare.12106>
- Li, X., & Li, H. (2021). Reliability and validity of the chinese version of the revised Walsh Family Resilience Questionnaire. *Annals of Palliative Medicine*, 10(8), 8709–8717. <https://doi.org/10.21037/apm-21-1152>
- Little, T. D. (2013). *Longitudinal structural equation modeling*. Guilford Press.
- Litwin, M.S. (1995). *How to measure survey reliability and validity*. Sage Publications.
- MacCallum, R. (1986). Specification searches in covariance structure modeling. *Psychological Bulletin*, 100(1), 107–120. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.100.1.107>
- Martins, M. H. (2014). Resiliência familiar - revisão teórica , conceitos emergentes e principais desafios. *Cadernos Do Grei*, 10. <https://doi.org/10.13140/2.1.4365.8245>
- Masten, A. S., & Cicchetti, D. (2016). Resilience in development: Progress and transformation. In D. Cicchetti (Ed.), *Developmental psychopathology: Risk, resilience, and intervention* (pp.271–333). JohnWiley&Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/9781119125556.devpsy406>
- Masten, A. S. (2018). Resilience theory and research on children and families: Past, present, and promise. *Journal of Family Theory and Review*, 10(1), 12–31. <https://doi.org/10.1111/jftr.12255>

- Melo, A. T. de, & Alarcão, M. (2011). Avaliação de processos de resiliência familiar: Validade e fidelidade do Questionário de Forças Familiares. *Mosaico*, 48, 34–41.
- Nadrowska, N., Błażek, M., Lewandowska-Walter, A., Błażek, W., & Zdun-Ryżewska, A. (2022). Walsh Family Resilience Questionnaire—Polish adaptation (WFRQ-PL). *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(7). <https://doi.org/10.3390/ijerph19074197>
- Oh, S. and Chang, S. (2014) Concept analysis: family resilience. *Open Journal of Nursing*, 4, 980-990. doi: [10.4236/ojn.2014.413105](https://doi.org/10.4236/ojn.2014.413105).
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2006). FACES IV & the circumplex model. *Life Innovations, Inc.*, 1–19. [https://pedpsych.org/wp-content/uploads/2016/02/3\\_innovations.pdf](https://pedpsych.org/wp-content/uploads/2016/02/3_innovations.pdf)
- Park, M., Kim, S., Lee, H., Shin, Y. J., Lyu, C. J., & Choi, E. K. (2023). Development and effects of an internet-based family resilience-promoting program for parents of children with cancer: A randomized controlled trial. *European Journal of Oncology Nursing*, 64, 102332. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2023.102332>
- Patterson, J. M. (2002). Understanding family resilience. *Journal of Clinical Psychology*, 58(3), 233–246. <https://doi.org/10.1002/jclp.10019>
- Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia Em Estudo*, 9(1), 67–75. <https://doi.org/10.1590/s1413-73722004000100009>
- Pritchett, R., Kemp, J., Wilson, P., Minnis, H., Bryce, G., & Gillberg, C. (2011). Quick, simple measures of family relationships for use in clinical practice and research. A systematic review. *Family Practice*, 28(2), 172–187. <https://doi.org/10.1093/fampra/cmq080>
- Reppold, C. T., Mayer, J. C., Almeida, L. S., & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da resiliência: Controvérsia em torno do uso das escalas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 248–255. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000200006>
- Ritanti, R., Permatasari, I., Nurdiantami, Y. (2023). Relationship between resilience and family functioning with drug abuse risk behaviour among adolescents. *Health Education and Health Promotion*. 11(2):239-243. <https://doi.org/10.58209/hehp.11.2.239>

- Rocchi, S., Ghidelli, C., Burro, R., Vitacca, M., Scalvini, S., Della Vedova, A. M., Roselli, G., Ramponi, J. P., & Bertolotti, G. (2017). The Walsh Family Resilience Questionnaire: The Italian version. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, *13*, 2987–2999. <https://doi.org/10.2147/NDT.S147315>
- Sabah, A., Khalaf Rashid Al-Shujairi, O., & Boumediene, S. (2021). The Arabic version of the Walsh Family Resilience Questionnaire: Confirmatory factor analysis of a family resilience assessment among Algerian and Iraq families. *International Journal of Systemic Therapy*, *32*(4), 273–290. <https://doi.org/10.1080/2692398x.2021.1960117>
- Sequeira, J., Vicente, H. T., Daniel, F., Cerveira, C., Silva, M. I., Neves, S., Santo, H. E., & Guadalupe, S. (2021). Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – Version IV (FACES IV): Validation study in the Portuguese population. *Journal of Child and Family Studies*, *30*(7), 1650–1663. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01941-3>
- Sixbey, M., T. (2005). *Development of the family resilience assessment scale to identify family resilience constructs* [Doctoral Dissertation]. University of Florida,.
- Tusaie, K., & Dyer, J. (2004). Resilience: A historical review of the construct. *Holistic nursing practice*, *18*(1), 3–10. <https://doi.org/10.1097/00004650-200401000-00002>
- Van Breda, A. D. (2001). Resilience theory: A literature review (Research Report MPI/R/104/12/1/4). South African Military Psychological Institute. [http://vanbreda.org/adrian/resilience/resilience\\_theory\\_review.pdf](http://vanbreda.org/adrian/resilience/resilience_theory_review.pdf)
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family Process*, *35*(3), 261–281. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00261.x>
- Walsh, F. (2002). A family resilience framework: Innovative practice applications. *Family Relations*, *51*(2), 130–137. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2002.00130.x>
- Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, *42*(1), 1–18. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2003.00001.x>
- Walsh, F. (2006). *Strengthening Family Resilience* (2<sup>a</sup> ed.). Guilford Press.
- Walsh, F. (2016). Applying a family resilience framework in training, practice, and research: Mastering the art of the possible. *Family Process*, *55*(4), 616–632. <https://doi.org/10.1111/famp.12260>

- Walsh, F. (2020). Loss and resilience in the time of COVID-19: Meaning making, hope, and transcendence. *Family Process*, 59(3), 898–911. <https://doi.org/10.1111/famp.12588>
- Walsh, F. (2021). Family resilience: A dynamic systemic framework. In Michael Ungar (ed.), *Multisystemic Resilience: Adaptation and Transformation in Contexts of Change*. (pp.255-270). Oxford Academic. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190095888.003.0015>
- Wang, A., & Lu, J. (2023). Validation of the Chinese version of the Walsh Family Resilience Questionnaire. *Family process*, 62(1), 368–386. <https://doi.org/10.1111/famp.12751>
- Wilmut, J. (1975). Objective test analysis: some criteria for item selection. *Research in Education*, 13(1), 27-56. <https://doi.org/10.1177/003452377501300102>
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Org.), *Resiliência e educação* (pp. 13-42). Editora Cortez.
- Zhang, X., Wang, A., Guan, T., Kuang, Y., Zhang, Y., & Wu, F. (2023). Reliability and validity of the Chinese version of the Walsh Family Resilience Questionnaire among community-dwelling disabled elderly individuals (WFRQ-CE). *Frontiers in psychology*, 13, 1095958. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1095958>
- Zhou, J., He, B., He, Y., Huang, W., Zhu, H., Zhang, M., & Wang, Y. (2020). Measurement properties of family resilience assessment questionnaires: A systematic review. *Family Practice*, 37(5), 581–591. <https://doi.org/10.1093/FAMPRA/CMAA027>